

As Relações Interpessoais do Autista The Interpersonal Relations of the Autist

CHEILA ROTTA, Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ.
DAISY MENDONÇA, Psicóloga, Mestre em fundamentos da educação pela UEM,
professora do curso de psicologia da Faculdade Ingá - UNINGÁ – Rua Néo Alves Martins,
3415. Ed. Albert Sabin - Sala 407, Maringá-PR.-Brasil, e-mail: Daisy-psico@hotmail.com.
FERNANDA C. L. R. BERGAMO, Psicóloga, Mestre, ex-docente da Faculdade UNINGÁ,
responsável pela fase de pré-projeto da presente pesquisa.
GILMARA CRISTINA CAVALCANTE ROSA, Aluna do curso de graduação em
Psicologia da UNINGÁ.
PRISCILLA SANTOS DE SOUZA, Aluna do curso de graduação em Psicologia da
UNINGÁ.

As Relações Interpessoais do Autista The Interpersonal Relations of the Autista

RESUMO: Este trabalho consiste em um relato parcial dos resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre as formas de relações interpessoais dos autistas, e a linguagem utilizada na comunicação de uma criança autista com seus professores, companheiros de sala, responsáveis e com as demais pessoas que vivem e convivem no mundo a volta deles. A mesma foi realizada por meio de observações de crianças autistas, por entrevistas com seus professores e questionários aplicados nos pais ou responsáveis. Com a coleta de dados, análise e discussão dos resultados observamos que existe uma tríade de dificuldades – comunicação, interação social e uso da imaginação, presentes na criança com autismo, e tem como principal consequência uma maior facilidade de relacionamento com o universo concreto do que com o de idéias abstratas com isso parte do caminho percorrido na decifração do enigma sobre a comunicação e o relacionamento do autista com os indivíduos que o cercam foi bem iniciada, porém, existe muito a se discutir sobre a criança autista.

Palavras chaves: Autismo. Comunicação. Relação Interpessoal.

ABSTRACT: This work consists of a partial story of the results of a research developed on the forms of interpersonal relations of the autistas, and the language used in the communication of an autista child with its professors, friends of room, responsible and with the too much people who live and coexist in the world the return of them. The same one was carried through by means of comments of autistas children, for interviews with its professors and questionnaires applied in the responsible parents or. With the collection of data, it analyzes and quarrel of the results we observe that it exists a triad of difficulties - communication, social interaction and use of the imagination, gifts in the child with autismo, and has as main consequence a bigger easiness of relationship with the universe concrete of what with the one of abstract ideas with this part of the way covered in the decipher of the enigma on the communication and the relationship of the autista with the individuals that surround it well it was initiated, however, very exists if to argue on the autista child.

Words keys: Autismo. Communication. Interpersonal Relation.

INTRODUÇÃO

Os sinais de autismo normalmente aparecem no primeiro ano de vida e sempre antes dos três anos de idade. Essa desordem é de duas a quatro vezes mais comuns em meninos do que em meninas (ASA, *on line*, 2007). Porém a causa do autismo não é conhecida.

A criança autista prefere estar só, não estabelece relações pessoais íntimas, não abraça, evita contato visual, resiste às mudanças, é excessivamente presa a objetos materiais anteriormente conhecidos e repete continuamente certos atos e rituais. Comumente ela começa a falar depois de outras crianças da mesma idade, podendo usar o idioma de um modo estranho, ou pode não conseguir, por não poder ou não querer, falar nada (GILBERG, 1990).

Segundo o CORDE - Coordenadora Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - (1993, apud DESPERTAR..., *on line*, 2007), alguns sintomas do autismo em uma criança levam o médico ao diagnóstico, que é feito através da observação. Embora nenhum teste específico para autismo esteja disponível, o médico pode executar certos testes, como por exemplo, o de aprendizagem, para procurar outras causas de desordem cerebral.

Como regra os indivíduos com autismo apresentam algumas características, como abaixo listadas. Os sintomas podem variar de intensidade ou com a idade (CORDE, 1993, apud DESPERTAR..., *on line*, 2007).

Dificuldade em relacionar-se com outras pessoas;

- Insistência com gestos idênticos, resistência a mudar de rotina;
- Não temer os perigos;
- Pouco contato visual;
- Ecolalia (repetição de palavras ou frases);
- Não responde às ordens verbais; atua como se fosse surdo;
- Apego inapropriado a objetos;
- Habilidades motoras e atividades motoras finas desiguais;
- Dificuldade em expressar suas necessidades;
- Emprega gestos ou sinais para os objetos em vez de usar palavras.

Esta pesquisa busca investigar as relações interpessoais, e o meio de comunicação, ou seja, a linguagem utilizada na comunicação de uma criança autista com seus professores, companheiros de sala, responsáveis e com as demais pessoas que vivem e convivem no mundo a volta deles. Investigar como os pais, ou responsáveis, percebem as relações e a comunicação da criança autista em casa. Deve-se destacar que neste artigo consta a apresentação dos principais dados coletados, os que referem-se diretamente aos objetivos do trabalho.

Essa pesquisa vem contribuir para a sociedade e para a psicologia por ajudar a esclarecer os comportamentos das crianças autistas, investigar como elas agem, como demonstram suas necessidades, como se comunicam, enfim investigar, como essas crianças autistas se relacionam com o mundo externo a elas.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O método que foi utilizado para realização desta pesquisa é o método indutivo, pois partiu de dados particulares, constatados inferiu-se uma verdade geral, não contida nas teorias examinadas nos conduzindo a novas premissas verdadeiras e a conclusões

prováveis. Fez se necessário utilizar outros métodos que são os de procedimento, que segundo Marconi e Lakatos (2006) são meios “mais concretos da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicações gerais dos fenômenos e menos abstratas” (p. 106).

Para esta pesquisa, o método de procedimento utilizado foi o método comparativo, por seu intuito de contrapor idéias, conceitos, a fim de esclarecer diversas posições teóricas.

Também foi utilizado o método estruturalista para analisar a realidade concreta dos diversos fenômenos. E o monográfico que consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidade, com a finalidade de obter generalizações, corroborando com o método anterior.

O ambiente de realização da pesquisa foi a Associação Maringaense de Autismo - AMA, que se localiza na cidade de Maringá - PR. É uma entidade não governamental que desenvolve um programa de proteção social especial para crianças, jovens e adultos com transtornos autistas.

Os instrumentos utilizados na pesquisa de campo foram a observação, a entrevista e o questionário. Foram 6 observações com 6 crianças autistas diferentes, 10 entrevistas com os 10 professores e funcionários da instituição, composta por 09 questões, das quais todas são questões abertas e 22 questionários aplicados com os pais e/ou responsáveis da crianças autistas que é composto por 10 questões, sendo 03 questões abertas, 03 questões de múltipla escolha e 04 questões fechadas.

O tratamento dos dados coletados nas entrevistas e observações foram transcritos para o aplicativo Word. Os dados coletados no questionário foram discutidos em percentuais no aplicativo Excel. Neste artigo foram apresentados resultados parciais da pesquisa. Atendo-se aos aspectos ligados diretamente aos objetivos.

RESULTADOS

Tabela 1 – Atividades utilizadas pelos professores para promover a interação do autista:

Atividades	Respostas	Porcentagem (%)
Recursos pedagógicos	07	70,0
Atividades coletivas	06	60,0
Não respondeu	03	30,0
Diálogo	02	20,0
Disposição das carteiras	01	10,0
Total:	19	190,0

Obs.: A porcentagem apresentada na tabela acima excede os 100,0% por que foi baseada no número de pessoas que responderam a entrevista, totalizando 10 pessoas e não no número de respostas (19 respostas), pois uma mesma pessoa respondeu mais de uma atividade utilizadas pelos professores para promover a interação do autista.

Todas essas atividades relatadas e utilizadas pelos professores tanto para promover interação entre as crianças autistas como pra desenvolvê-las e aprimorar o aprendizado delas foram evidenciados pelas estagiárias nas observações, pois na segunda observação as crianças estavam em um laboratório de informática, utilizando jogos pedagógicos, na terceira observação a professora também utilizava jogos de encaixes com a criança observada. Na quarta observação a professora utiliza músicas e outros jogos coletivos para

que as crianças interagissem e na sexta e última observação o diálogo foi bastante utilizado, já que a criança observada verbalizava muitas coisas.

Tabela 2 - Comunicação dos professores com os autistas:

Forma	Respostas	Porcentagem (%)
Normalmente (como com qualquer outra pessoa)	06	60,0
Dialogo e ordens diretas	06	60,0
Afeto	01	10,0
Cantando	01	10,0
Concilia fala com o visual	01	10,0
Não respondeu	01	10,0
Total:	16	160,0

Obs.: A porcentagem apresentada na tabela acima excede os 100,0% por que foi baseada no número de pessoas que responderam a entrevista, totalizando 10 pessoas e não no número de respostas (16 respostas), pois uma mesma pessoa respondeu mais de uma maneira utilizadas pelos professores para se comunicarem com a criança autista.

Os dados encontrados nessa tabela se confirmam com os encontrados na primeira observação, pois as maneiras visualizadas do professor se comunicar com autista são, que estes, por meio de olhares respondem ordens diretas, como por exemplo, a professora chamou o sujeito pelo nome para que ele olhe para o computador e preste atenção na atividade o mesmo para de bater palmas e passa a olhar para o monitor do computador.

Ele responde também executando a ordem como quando a professora pede para o sujeito se levantar, ele levanta e com a mão direita nas costas dele ela o guia para porta da sala.

Tabela 3 - Como o autista demonstra suas necessidades segundo os professores e funcionários da AMA.

Formas de Expressão	Respostas	Porcentagem (%)
Verbalização	09	90,0
Gesticulação	08	80,0
Sinalização	08	80,0
Autônomos (sozinhos)	05	50,0
Choro	04	40,0
Rotina Biológica (horários fixos)	04	40,0
Birra/ manha	03	30,0
Agressividade	02	20,0
Agitação	02	20,0
Total:	45	450,0

Obs.: A porcentagem apresentada na tabela acima excede os 100,0% por que foi baseada no número de pessoas que responderam a entrevista, totalizando 10 pessoas e não no número de respostas (41 respostas), pois uma mesma pessoa respondeu mais de uma forma de expressão utilizada pelos autistas para demonstrarem suas necessidades.

Foi possível evidenciar algumas dessas formas de expressão e comunicação na terceira observação, pois a forma de comunicação predominante é a agressividade, onde o sujeito demonstra suas vontades e necessidades através de gritos e violência consigo mesmo (batendo com as duas mãos fechadas na cabeça, se jogando no chão). A representação de um desejo é uma das maneiras que o sujeito utiliza para se comunicar, ele se levanta e vai até a mesa pega com a mão direita a mochila rosa e vai até a porta, sugerindo a sua vontade de ir embora.

Tabela 4 – Formas dos autistas expressarem suas necessidades segundo os pais das crianças:

Formas de Expressão	Respostas	Porcentagem (%)
Gesticulação	09	21,95
Agressividade	07	17,07
Não responderam	07	17,07
Choro	05	12,19
Autônomos (fazem sozinhos)	04	09,76
Verbalização	03	07,32
Sinalização	03	07,32
Gritos	03	07,32
Total:	41	100,00

Obs.: A porcentagem apresentada na tabela acima excede os 100,0% por que foi baseada no número de pessoas que responderam o questionário, totalizando 22 pessoas e não no número de respostas (45 respostas), pois uma mesma pessoa respondeu mais de uma forma de expressão utilizada pelos autistas para demonstrarem suas necessidades.

Tabela 5 – Comunicação do autista:

Forma de expressão	Com os professores e funcionários	Entre os autistas	Quant. Respostas	Porcentagem (%)
Gesticulação	14	06	20	28,98
Verbalização	08	06	14	20,29
Atividades/brincadeiras	-	08	08	11,59
Demonstração de afeto	04	03	07	10,14
Expressão corporal	04	01	05	07,25
Contato visual (olhar)	05	-	05	07,25
Agressividade	02	01	03	04,35
Birra/manha	02	-	02	02,90
Não possuem	-	02	02	02,90
Agitação	01	-	01	01,45

Repetindo/copiando	-	01	01	01,45
Rotina biológica (horários fixos)	01	-	01	01,45
Total:	41	28	69	100,00

Obs.: A porcentagem apresentada na tabela acima excede os 100,0% por que foi baseada no número de pessoas que responderam a entrevista, totalizando 10 pessoas e não no número de respostas (69 respostas), pois uma mesma pessoa respondeu mais de uma forma de comunicação utilizada pelos autistas tanto com seus professores e funcionários da instituição como entre eles mesmos.

Confirmando a segunda maior porcentagem dessa tabela na segunda observação a verbalização é a forma mais encontrada na segunda observação pois o sujeito pede inúmeras coisas como, para que a professora coloque outra música, para que ela troque de jogo. O sujeito também verbaliza respostas das atividades propostas, por exemplo no jogo dos animais onde estes vão aparecendo na tela e emitem seus sons, a professora pergunta aos alunos quais bichos são e o sujeito é o único que responde, falando “vaca, elefante, cachorro, gato”. A gesticulação é uma outra forma que o sujeito utiliza para se comunicar com a professora, pois em determinado momento da atividade ele leva a mão a tela aponta o jogo que deseja. O seu colega tenta executar o jogo, mas o sujeito não deixa, levando seu braço direito sobre o esquerdo do colega, utilizando assim a sua expressão corporal para se comunicar com este colega.

Tabela 6 - Se existe iniciativa de comunicação entre os autistas, segundo os professores:

	Respostas	Porcentagem (%)
Sim	08	80,0
Não	03	30,0
Depende da criança	03	30,0
Não respondeu	01	10,0
Total:	15	150,0

Obs.: A porcentagem apresentada na tabela acima excede os 100,0% por que foi baseada no número de pessoas que responderam a entrevista, totalizando 10 pessoas e não no número de respostas (15 respostas), pois uma mesma pessoa respondeu que pode ou não existir uma iniciativa de comunicação entre as crianças autistas, e algumas ainda acrescentaram que depende da criança.

Confirmando a maioria das respostas que diz haver iniciativa de comunicação entre as crianças autistas está a sexta e última observação, onde o sujeito demonstra autonomia, porque verbaliza seus desejos, responde as perguntas da professora, conversa com os colegas de sala e com a observadora, lê e canta, evidenciando uma ampla comunicação.

DISCUSSÃO

Segundo Bonin (1998) para fazer acontecer ou melhorar a comunicação e a linguagem do autista, necessita-se de procedimentos com o auxílio de ferramentas

específicas voltadas a minimizar as dificuldades do autista. Conforme encontramos nas entrevistas, os professores desempenham o papel de promotor de interação entre as crianças autistas e para isso se utilizam de algumas atividades como o diálogo (20,0%) (Tabela 01) entre professores e alunos e entre os próprios alunos, procura direcionar a fala olhando nos olhos das crianças (olhos nos olhos). Os recursos pedagógicos como encaixes, informática, histórias e músicas que auxiliam na percepção do outro, correspondem a 70,0% do total de respostas obtidas. Os jogos coletivos como a bola e exercícios de sher-borner (atividade que promove a interação segundo os professores) representam 60,0% das atividades que visam à interação. Para forçar o contato físico e visual, também foi modificada a disposição das carteiras (10,0%). Entre as respostas tiveram 3 funcionárias (30,0%) que não responderam ou responderam que não utilizam nenhuma atividade para promover a interação devido a função que exercem (zeladora, cozinheira, etc.). (Tabela 01).

Em relação a isto, Monte e Santos (2003) afirmam a importância do professor fazer a utilização de todos os recursos disponíveis para maximizar o apoio ao desenvolvimento da criança, tendo como ponto de partida, que o autista possui maior facilidade de relacionamento com o universo concreto do que com as idéias abstratas. Outro aspecto que as autoras consideram é a construção da comunicação da criança, que deve estar associada a vida da mesma, ao seu relacionamento com o mundo, em conexão rápida e direta entre o aprendido e o mundo em que ela está inserida. Por isso, se torna possível perceber e concretizar o porquê que é notável a melhora da criança em relação a comunicação e socialização após a inserção dessa na escola Leo Kanner.

De acordo com os questionários, respondidos pelos pais e responsáveis, os autistas demonstram suas necessidades gesticulando e apontando para os objetos desejados (36,3%), pelo choro (18,2%), sendo agressivos (9,2%), agitados (9,2%) através do toque e chamando a atenção. Alguns verbalizam (40,9%) e outros têm autonomia (22,7%) (Tabela 04).

Nas entrevistas, também os funcionários ressaltaram que os meios utilizados pelos autistas para expressar suas necessidades dependem do grau de autonomia ou não, dos mesmos. Os mais autônomos (40,0%) realizam algumas atividades sozinhos, como ir ao banheiro e pegar objetos. Outros ficam agitados (9,2%) inquietos, levantam, sentam, andam, nesse caso necessitam de ajuda da auxiliar. Alguns são determinados pelo horário biológico - rotina (10,0%), como horário de comer, de ir ao banheiro, de ir embora, da educação física, entre outros. Também expressam pelo choro (50,0%), em forma de birra e manha (20,0%), agressividade (70,0%) e por meio de sinalizações (30,0%) como levar o funcionário até ou fixar o olhar sobre o objeto desejado. A maior porcentagem obtida sobre como as crianças demonstram suas necessidades, segundo os funcionários e professores, é através da verbalização, principalmente na forma de palavras soltas, como 'mamãe', 'xixi,' e 'comer', totalizando 20,0% das respostas (Tabela 03).

Igualmente nas observações, vê-se que aqueles que têm autonomia levantam, pegam objetos, brincam, sentam e conversam. Outros, não expressam nenhuma reação frente às ordens, ou atividade alguma, seus movimentos são estereotipados, são insistentemente preocupados com determinados objetos comprovando o que CORDE (1993, apud DESPERTAR..., *on line*, 2007) diz quanto ao repertório de atividades e interesses acentuadamente restritos, que são utilizados para diagnosticar o autismo.

Segundo os professores e funcionários a comunicação dos autistas tanto com os professores como entre eles mesmos, ocorre principalmente por verbalização e palavras soltas (140,0%), e por gesticulações (200,0%) como o toque que demonstram tanto comunicação, quanto demonstrações de afeto (70,0%), carinho, agressividade em caso de dor (30,0%) e pelas expressões corporais (50,0%). O contato visual (5,0%) é uma das

formas que o autista utiliza para comunicar-se com os professores e funcionários, assim como a birra/manha (20,0%), agitação (10,0%) que demonstram que determinados horários – rotina (10,0%) são para atividades específicas (Tabela 05).

Nas 6 observações realizadas foi possível constatar que todas as formas de comunicação que os professores e funcionários alegaram no parágrafo anterior foram evidenciadas. Duas das crianças verbalizavam e eram bastante autônomas, as duas são do sexo feminino, uma com idade de 6 anos (2ª observação) e a outra com 11 anos (6ª observação), os gestos, toques, apontamentos e olhares fixados nos objetos de desejo foram muito utilizados pelas demais crianças que não verbalizavam. Uma das crianças, do sexo feminino, com 5 anos (3ª observação) demonstra-se bastante agressiva, utiliza-se de manhas, birra, gritos e auto agressão, quando contrariada. Porém responde as atividades propostas pela professora, de forma correta, e fica feliz quando acerta.

Outra criança observada, do sexo masculino, com idade de 7 anos (5ª observação) demonstrou-se hiperativa, pois estava constantemente inquieta, agitada e não obedecia os comandos da professora.

Na 4ª observação, a criança autista do sexo masculino, que possui aproximadamente 8 anos, não demonstrou-se interessado nas atividades propostas pela professora, pois enquanto esta explicava, ele olhava para o teto. Quando não estava apático, estava constantemente chorando por querer um elástico. Comprovando assim, o apego inapropriado a objetos, característica essa, bastante presente entre os autistas.

Por fim, na 1ª observação, a criança do sexo masculino, com 6 anos, demonstrava não ter interesse em relacionar-se com as pessoas, e em realizar as atividades propostas a ele. Porém ao ouvir barulhos externos a sala voltava-se na direção dos mesmos mostrando curiosidade, e quando a professora o chamava pelo nome atendia e até sorria para a mesma.

Todas essas características evidenciadas por meio das observações estão diretamente relacionadas com os dados coletados no questionário, pois alguns comportamentos ocorrem ou deixam de ocorrer de acordo com a idade das crianças, com a idade em que o autismo foi identificado nas mesmas e o período em que estão frequentando a escola Leo Kanner. Juntamente com o comprometimento dos pais e/ou responsáveis frente as dificuldades e peculiaridades que enfrentam no decorrer da vida do autista.

Já na comunicação entre eles, as formas de expressar-se utilizadas somente pelos autistas são atividades e brincadeiras (80,0%), repetições (10,0%) ou simplesmente não possuem (20,0%) formas de expressar-se e comunicar-se (Tabela 06).

Tal constatação, por sua vez refuta em maior parte uma das características apontadas por CORDE (1993, apud DESPERTAR..., *on line*, 2007) sobre a incapacidade qualitativa na comunicação verbal e não verbal do autista. Ele diz que há ausência de modo de comunicação, como gestos, expressão facial, linguagem falada. Diz ser acentuadamente anormal a comunicação não verbal, como uso de olhar fixo, sorriso, gestos na interação social, dentre outros.

Sobre a iniciativa de comunicação entre os autistas, existe uma dubiedade de respostas dos professores e funcionários. A maioria diz que esta existe (80,0%), outros dizem que não (30,0%) e outros ainda ressaltam que esta depende da criança (30,0%) e geralmente ocorre diante de algo ou alguém novo (mudança na rotina). Segundo Gauderer (1993) a criança autista demonstra não interagir socialmente, uma vez que entre outros aspectos, não brincam com outras crianças, não exteriorizam atitudes que expressem emoções, como carinho ou a necessidade destes. Isto é contestado por meio das respostas das entrevistas e questionários aplicados, pois como vimos as crianças autistas possuem um repertório próprio de comunicação (Tabela 06).

Na questão que abrange como os professores e funcionários se comunicam com as crianças (Tabela 02), as ações mais destacadas por eles são: o uso do diálogo direto (60,0%) que são ordens simples, e de maneira similar a comunicação com qualquer outra pessoa, maneira essa que se referem como 'normal' (60,0%). Por meio de demonstração de afeto (10,0%), cantando (10,0%) e conciliando a fala com o contato visual (10,0%) também são formas empregadas pelos professores e funcionários para se comunicarem com as crianças autistas.

CORDE (1993, apud DESPERTAR..., *on line*, 2007) quanto a incapacidade qualitativa na interação social recíproca, ao diagnosticar o autismo, utiliza-se de duas características: o jogo anormal ou ausente, onde a criança não participa ativamente das atividades; da imitação ausente ou comprometida, fazendo uma imitação mecânica das ações dos outros, geralmente fora de contexto e uma acentuada falta de percepção da existência ou sentimento dos outros. Estas características podem ser refutadas ou confirmadas segundo os dados coletados. Pois, alguns autistas apresentam tais comportamentos, porém outros não.

CONCLUSÃO

O Estágio Supervisionado II se impõe como um instrumento mediador entre o conhecimento da realidade e os seus desafios e problemas. Ao longo deste trabalho, apresentamos as possíveis abordagens teóricas da etiologia do autismo, e principalmente as diferentes características de sua comunicação.

A pesquisa realizada durante o projeto mostrou-nos a variabilidade nos resultados da coleta de dados, evidenciando diferentes maneiras de comunicação dos autistas. Com base nestes processos, observou-se a comunicação por verbalização, toques, gestos, dentre outras, corroborando com o material investigado e explorando como são os relacionamentos e as comunicações do autista com os professores e funcionários da AMA, colegas, pais e responsáveis.

Vemos este tema ainda como um desafio. Consideramos que parte do caminho percorrido na decifração do enigma sobre a comunicação e o relacionamento do autista com os indivíduos que o cercam foi bem iniciada, porém, existe muito a se discutir sobre a criança autista, para que os pré-conceitos e as visões estereotipadas sejam por fim eliminados, contribuindo assim, como futuro referencial teórico sobre o assunto.

Por fim, a realização do projeto nos possibilita dizer que dentro desta perspectiva, esperamos que um aspecto importante no processo de comunicação do autista, que está ligado ao papel do adulto e do educador, principalmente dos pais, possa ser revisto, visto a grande importância destes em sua construção. Estes possibilitam desde o nascimento da criança, as interações interpessoais desafiadoras que lhe proporcionem o desenvolvimento de suas capacidades, especialmente o da linguagem, que lhe permitirá a comunicação e, conseqüentemente, melhor integração social. Que isso seja repensado para proporcionar a estes melhores informações e condições para oferecer a criança autista, melhorando de forma geral a qualidade de vida desta.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DO AUTISMO (ASA – Autism Society of América)
Disponível em: <http://www.autism-society.org/site/PageServer>. Acessado em: 13/04/2007.

BONIN, L. F. R. Indivíduo, cultura e sociedade. In.: STREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DESPERTAR para vida, centro de vivências. Disponível em:
http://www.cvd.org.br/pdfs/autismo_novo.pdf. Acessado em: 13/04/2007.

GAUDERER, E. C. **Autismo**: Atheneu, 1993.

GILBERG C. O que é autismo? **Revista Psychiat**. v.2. 1990. p.61-66.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MONTE, F. R. F.; SANTOS, I. B. (org). **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo**. 2ª ed. Brasília: MEC, SEESP, 2003.

Enviado em: janeiro de 2009.

Revisado e Aceito: outubro de 2009.